

## SOBRE A CHAMADA *ÁRTEMIS SOBRE CERVA* DO MUSEO CORREALE DI TERRANOVA EM SORRENTO

Maricé Martins Magalhães\*

### Abstract

*This work is a study of a marble statue called *Ártemis su cervá*, found in *Surrentum* (South Italy), that also shows on its base a Greek inscription. Iconographical description, critical apparatus with the opinions of the preceding editors, stylistical analysis of the sculpture and mythological confrontings. On the other hand, it also shows the possibilities of integration for the epigraphic text, an onomastical and palaeographical research, and its implications in the social and cultural ambit.*

**Keywords:** Greek and Great Greece statuary; **Surrentum**; Greek epigraphy; Greek mythology; Iconography.

### Resumo

*Este trabalho é o estudo de uma estátua em mármore chamada *Ártemis su cervá*, encontrada em *Surrentum* (Itália Meridional), que traz ainda na sua base uma inscrição em grego. Descrição iconográfica, aparato crítico com as opiniões dos editores precedentes, análise estilística da escultura e confrontos mitológicos. Por outro lado, também mostra as possibilidades de integração do texto epigráfico, a pesquisa onomástica e paleográfica e suas implicações no âmbito social e cultural.*

**Palavras-chave:** Estatuária grega e magno-grega; **Surrentum**; Epigrafia grega; Mitologia grega; Iconografia.

A coleção epigráfica do *Museo Correale di Terranova*, situado ao centro de Sorrento (cidade costeira a sudoeste da região Campânia, Itália), conserva hoje 66 inscrições que abrangem um arco de tempo que vai do

---

\* Quando a autora propôs o artigo, era então Professora visitante da Faperj no Laboratório de História Antiga (LHIA) e no Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) do Departamento de História da UFRJ. Bolsista da Faperj. Atualmente, é pesquisadora no Museu Histórico Nacional.

século IV a.C. ao VI século d.C. Destas inscrições, 63 são latinas e pertencem ao período romano e paleocristão da Península Sorrentina, enquanto as três restantes são incisas em grego: duas datáveis do final do IV – início do século III a.C. e seguramente oriundas da Magna Grécia, e a última, datada ao século I d.C., proveniente de *Neapolis*. Nos últimos anos, essas inscrições foram finalmente recolhidas, organizadas e estudadas por quem escreve, com numerosos acréscimos, releituras e correções (MAGALHÃES, 2003).

Tratarei aqui somente de uma inscrição em grego, que é aquela de maior antiguidade da coleção; obviamente não porque seja mais importante do que as outras sob o ponto de vista histórico e social, mas porque a considero estética e estilisticamente muito significativa, visto que foi motivo de interessantes debates, e ainda devido à tipologia e à beleza da superfície escritória sobre a qual foi incisa – a base de uma estátua marmórea chamada *Ártemis sobre cerva*. Segue então, abaixo, a versão em língua portuguesa da ficha epigráfica tal qual aparece no volume supracitado, com o *lemma* (descrição iconográfica, medidas da peça e os editores precedentes), o texto da inscrição munido de aparato crítico; enfim, uma análise onomástica e paleográfica da mesma e um estudo estilístico da escultura, com algumas novas e importantes conclusões.

A base votiva do grupo estatuário conhecido como *Ártemis sobre cerva* (**Figura 1**), em mármore de cor branco quase alabastro muito parecido ao pentélico,<sup>1</sup> foi encontrada em 1911 em um depósito votivo em uma cavidade subterrânea<sup>2</sup> – juntamente com outras numerosas peças na maior parte marmóreas – localizado no *vicolo I Tasso, ex-via dell'Accademia*, no centro histórico da cidade de Sorrento.



**Figura 1**

Estátua da chamada *Ártemis sobre cerva*. *Museo Correale di Terranova* (Sorrento), sala 3, inv. n. 005. (MAGALHÃES, 2003).

A estátua apresenta fraturas em ambos os lados da base, principalmente no esquerdo, que corresponde à parte na qual estava inciso o nome do dedicante da inscrição. A estátua se apóia sobre um tronco de árvore (que lhe serve de pontalete) pousado sobre uma base rochosa não homogênea, cuja parte anterior, aplainada e levigada, traz a inscrição. A figura feminina (na qual faltam a cabeça, os braços e os pés) veste um *chiton* amarrado bem abaixo da cintura e uma mantilha que se apóia de um lado sobre o seu ombro esquerdo e sobre o dorso do animal, gira atrás das suas costas, abraça o quadril direito, recolhendo-se sobre o ventre e recaindo sobre as pernas; leves traços de pátina de cor 'ouro velho' sobre as vestes. No pescoço, se encontra um perno de ferro de uma antiga restauração. A figura está sentada, com o corpo virado para a direita, sobre o dorso de uma cerva (na qual faltam a cabeça e as patas, mas foi conservado o ataque das unhas). Parte posterior: a roupagem da figura feminina é bem modelada, enquanto o corpo da cerva, o tronco e a base são achatados e não trabalhados, apresentando ainda os traços do escalpelo. Provavelmente a figura abraçava o pescoço do animal com o braço esquerdo que falta, enquanto o direito se

apoiava sobre a sua coxa direita, da qual restou um leve traço. Medidas da estátua: h., +82cm; larg., +49cm; prof.: 20cm; medidas da base que traz a inscrição: h., 3,8cm e 11cm; comp., +25cm. Altura das letras: 5-4cm. Bibl.: LEVI, 1924, p. 375-6; RUMPF, 1923-24, p. 476 (só a escultura); MINGAZZINI-PFISTER, 1946, p. 171-172, n. 1 e tav. XXIX, 86-87; PICARD, 1961, p. 417-418, pl. 4, figs. 9-10 (só a escultura); KHALIL-ICARD, 1992, n. 697 e pl. 501 (só a escultura); PUGLIESE CARRATELLI, 1996, p. 706, n. 193 (só a escultura); RUSSO, 1999, p. 174; MAGALHÃES 2003, n. 1, p. 117 e figs. 43a-b. Agora em exposição no *Museo Corralo de Terranova*, sala 3, inv. n. 005. A epígrafe, incisa ao longo da base fraturada, traz o seguinte texto (**Figura 2**): [- c. 174 - ] ἄδας ἀνάθηκ[ε].

**Figura 2**



Detalhe da inscrição em grego incisa sobre a base da estátua apresentada na **Figura 1** (MAGALHÃES, 2003)

Aparato crítico: [ 'Aγελ] ἄδας (integrou a Levi); o Σ com as hastes abertas, em uso até a segunda metade do século III e não depois da idade helenística (LOMBARDI, 1998, p. 310 e 323); o sinal H para indicar o η (alfabeto de Mileto, em uso a partir de 403-402 a.C. em diante) (GUARDUCCI, 1987, p. 27); o Θ diminuto é datável a partir da metade do século IV a.C., mas 'não ultrapassa os limites da idade helenística';<sup>3</sup> os traços do E são ligeiramente inclinados para a direita; o primeiro A apresenta acabamento a gancho.<sup>4</sup> Datação: entre a segunda metade do século IV e a metade do III a.C.

A inscrição se refere claramente a um dom votivo (ἀνάθημα) feito por um grego chamado [- - ] ἄδας – proveniente de ambiente no qual se falava o dialeto dórico<sup>5</sup> – que teria dedicado o grupo estatuário em um lugar de culto localizado a NE do fórum romano da cidade<sup>6</sup> (considerado o sítio do descobrimento), a pouca distância da atual igreja dos santos *Felice*

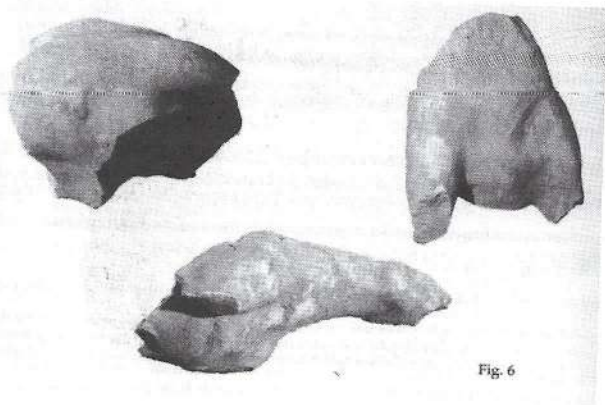
e *Bacolo*, também chamada *do Rosario*, onde supostamente teria existido um templo.

No que diz respeito à restituição fornecida pela Levi para o nome do dedicante (no entanto sem uma explicação), pode-se afirmar que o nome Ἀγελάδας é até o momento conhecido somente em inscrições gregas contemporâneas de *Argos* e de *Leukas* (FRASER-MATTHEWS, 1997, p. 7), e que as propostas para a integração do nome poderiam ser ainda muito mais variadas. Por exemplo, de um total de 142 nomes gregos com o sufixo αδας até hoje registrados (FRASER-MATTHEWS, 1997, *Reverse Index*, p. 493), nada menos que 50 carregam as hipotéticas quatro letras que faltam à esquerda, sempre entre o século V e o III a.C.: na Itália Meridional se encontram na Sicília (*Akragas*, *Gela-Phintias*, Monte Sarraceno, *Selinous* e *Tyndaris*) e no *Bruttium* (*Kroton*, *Lokroi Epizephyrioi* e *Rhegion*); e ainda eram difusos em ambiente grego-dórico como *Achaia*, *Aitolia*, *Akarnania*, *Argolis*, *Arkadia*, *Epiros*, *Kerkyra*, *Korinthia*, *Lakonia*, *Leukas*, *Messenia* e *Triphylia*.<sup>7</sup> Enfim, confrontando-se o comprimento do lado esquerdo fraturado com aquele do lado direito que corresponderia ao fim da dedicatória, me parece que as letras que faltam não são mais do que quatro, fato que dá margem para repropor ainda outros 27 nomes iniciados com três, duas e até uma letra atestados epigraficamente entre o século V e o II a.C. em ambiente italiota (por exemplo Νειάδας em *Gela-Phintias*, Ἀλκιάδας em *Siracusa* e Ἀπιάδας em *Lokroi Epizephyrioi*, etc.) e grego-dórico.

Baseada não só no seu estilo, mas também no de outras esculturas marmóreas encontradas no mesmo depósito, Levi tinha concluído que eram esculturas gregas – *forse lavorate da mano greca che traeva i suoi modelli da tipi del V e del IV secolo a. C.* – datando, no entanto, somente a inscrição do século III a.C. Essas conclusões não são completamente compartilhadas por Mingazzini-Pfister e por Rumpf, que concordam que os ‘caracteres estilísticos’ da estátua recordam as obras de Timóteo (metade do século IV a.C.), em cujo período se sintonizam também os caracteres epigráficos, *soprattutto il sigma a quattro zampe divaricate...* Pensam ainda esses dois últimos estudiosos que possa se tratar de uma obra de arte italiota – seja pelo estilo ou pela qualidade do mármore empregado – comparável com o ‘material tarentino’ –, hipótese que se encaixa perfeitamente com a forma dórica do nome do dedicante. De qualquer maneira, no que se refere à divindade representada, os primeiros editores concordam em reconhecer a

deusa Ártemis, devido ainda à presença de outros fragmentos de estátuas 'de cervídeos' no mesmo depósito (Figura 3), o que tornou possível pensar em uma área cultual dedicada à divindade homônima e ativa pelo menos a partir do século IV a.C. até a idade tiberiana.<sup>8</sup>

Figura 3



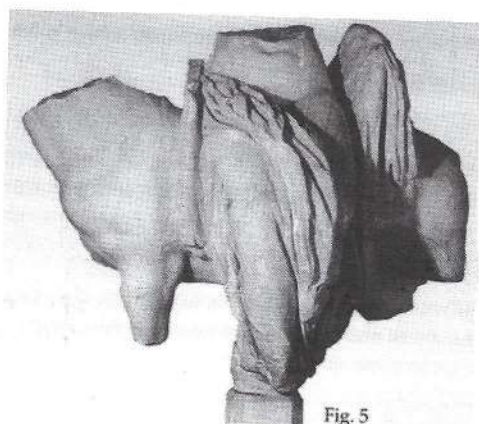
Três fragmentos de esculturas de cervídeos ou eqüídeos provenientes do mesmo depósito votivo no qual foram encontradas as estátuas apresentadas nas Figuras 1 e 4. Museo Correale di Terranova (Sorrento), sala 3, inv. n. 009bis. (MAGALHÃES, 2003).

Já Picard,<sup>9</sup> por sua vez, não nega a possibilidade de um *Artemision* em *Surrentum* e aponta a obra como a mais importante entre as ofertas do santuário, considerados os outros fragmentos de estátuas e oferendas. Entretanto o estudioso chama a atenção para detalhes importantes, ou seja, que a figura cavalga a cerva *en amazone* e está *montée sur pédoncule-support* (isto é, o tronco da árvore que serve de pontalete), fato que a associa a outras esculturas e relevos ligados às 'cavalgadas noturnas' dos cortejos dionisíacos (*thíasos*), compostos de maneira geral por Pã, Sátiros, Silenos, Ménades e sacerdotisas a cavalo, que se dirigem em atitude de culto na direção de um altar rústico ou de uma árvore sagrada (que, neste caso, é o próprio 'santuário'), em atmosfera idílico-sacral. Enfim, recentemente Staehler<sup>10</sup> quis ver na figura um acrotério lateral, e não uma figura frontal (não considerando ainda fundamental em ambos os casos a

legibilidade da dedicatória, visto que as letras não ultrapassam os 5cm de altura), e também como tal não poderia representar Ártemis, a qual 'não poderia tocar um papel secundário', associando assim a iconografia da estátua àquela das *Aurai*.

De fato, não é excluída a hipótese de que a divindade representada pudesse ser uma Ártemis (ou melhor ainda, fazendo parte de um grupo estatuário artemísio, como será visto mais adiante), porque se reconhece claramente, no ataque das patas e das unhas do animal sobre a base rochosa, uma cervas. No entanto, quero aqui observar que na maior parte das iconografias conhecidas, nas quais essa divindade aparece com cervídeos (e também com outros animais), a mesma é representada frequentemente em cenas de caça, nas quais é figurada sempre em atitude de ação, operando o arco, a lança ou carregando consigo a aljava, o archote, etc.; em geral veste, um *chiton* curto e são claros os sinais dos *baltei* cruzados sobre o peito; esta gestualidade e movimento faltam à nossa Ártemis, na qual não se vêem nem mesmo os traços de alguns dos seus atributos supramencionados.<sup>11</sup> Se bem que seja claro que o animal é uma cervas (o sexo é feminino, o corpo é delgado, a musculatura, suave, e a crina, ausente), poder-se-ia dizer que o complexo recorda estilisticamente ou é muito inspirado nas figurações das Nereidas sobre animais marinhos (principalmente sobre grandes *hippokampei*), seja pela mesma gestualidade de abraçar o pescoço do animal, seja pela pausa molenga do corpo sobre o dorso do mesmo, seja ainda pelo comprimento do *chiton* e pelas pregas da mantilha que caem sobre as coxas, todas características presentes na maior parte das representações de Nereidas.<sup>12</sup> Do mesmo modo, não se pode excluir que tal iconografia se assemelhe e muito àquela das *Aurai* sobre cavalos que correm em direções opostas, presentes em acrotérios do século IV a.C.<sup>13</sup> e identificadas com Eos e Selene, respectivamente, por Mingazzini-Pfister, também porque no mesmo depósito foi encontrada uma outra figura feminina 'sobre égua ou mula' virada para o lado esquerdo (**Figura 4**),<sup>14</sup> enquanto a nossa 'sobre cervas' segue na direção da direita; em ambas as figuras, as partes que poderiam corresponder às mantilhas esvoaçantes em forma de semicírculo são fraturadas, o que impede um confronto pontual.

#### Figura 4



Estátua da chamada *Selene sobre mula*. Museo-Corrale di Terranova (Sorrento), sala 3, inv. n. 009. (MAGALHÃES 2003)

A possibilidade de que esta segunda figura seja uma Selene é perfeitamente aceitável, mas por motivos iconográficos excludo que a nossa fosse uma Eos,<sup>15</sup> e como a parte posterior é muito grosseira e aplainada, poder-se-ia também excluir que fossem acroteriais, mas, sim, confeccionadas de propósito para serem encostadas a uma parede; inicialmente não penso que se trate de um frontão de um templo: antes de tudo pela diminuta inscrição (como já foi acenado),<sup>16</sup> e em segundo lugar porque as figuras frontais em geral se apóiam diretamente sobre a moldura horizontal ou *geison*, e sendo assim não apresentam uma base de sustentação, existente no nosso caso. Poder-se-ia pensar simplesmente em um grupo estatuário consagrado em um edifício de culto, onde a nossa figura teria sido a segunda ou terceira à esquerda daquela central (e, conseqüentemente, não a feminina central que poderia ser a verdadeira Ártemis ou a representação de um altar), do mesmo modo que a outra 'sobre égua ou mula' (na minha opinião, ainda inacabada por não ter sido levigada) teria sido a segunda ou terceira da direita. E ambas 'cavalgam', por assim dizer, na direção da figura central. Tanto é verdade que as imagens femininas como aquelas de Selene, de Noite, de Eos, das Ninfas, etc.<sup>17</sup> tendem a assumir sempre mais a função de



um enquadramento de uma ação e as coordenadas simbólicas do tempo e do espaço nos quais se situa o acontecimento mítico principal.<sup>18</sup> Recordo ainda que os outros restos de cervídeos ou equídeos encontrados na mesma fossa<sup>19</sup> são a prova da existência de pelo menos uma terceira figura sobre quadrúpede (provavelmente também essa feminina) e não somente uma ‘única Ártemis’, o que recorda preferivelmente as figuras das Ninfas (em geral em número de duas ou três) que fazem parte do cortejo artemísio junto com Selene; a base da estátua sob forma de rocha, de onde sai um tronco de árvore, é bastante sugestiva e pode ser a confirmação de que o escultor poderia ter-se inspirado nas imagens de uma Náíades, de uma Dríades ou de uma Hamadríades.<sup>20</sup> No entanto, considero essa última hipótese com cautela; mas não há dúvida de que existem outras esculturas do gênero sobre pedúnculo sob a forma de tronco de árvore ou em relevos nos quais a árvore é obrigatória como elemento ritual principal (o carvalho), e nestes casos são representações religiosas primordiais ligadas a cultos rústicos nos quais predominam outros elementos simbólicos, não só da esfera artemísia, como também daquela dionisíaca.<sup>21</sup>

Além do que já foi exposto, me parece ainda um pouco difícil (mas, certamente, não impossível) pensar em uma Ártemis (com essas características) como divindade políade ou de qualquer maneira inserida no ‘centro habitado’ de *Surrentum* em pleno século IV ou III a.C., somente no caso em que fosse ligada ao culto do irmão gêmeo Apolo,<sup>22</sup> divindade ‘civilizadora’ por excelência; como normalmente aconteceria em se tratando deste culto, a área a ele consagrada é colocada em uma zona suburbana, periférica ou de confin.<sup>23</sup> De fato, a única menção do culto artemísio na nossa Península se encontra no poeta Estácio (*Silvae* III, 68-70), segundo o qual a deusa (no texto, chamada com um dos seus epítetos, *Trivia*) foi festejada justamente com um passeio ‘no campo’ e um almoço ‘ao ar livre’ (na praia da *Marina di Puolo* a noroeste de *Surrentum*) no dia 13 de agosto do ano 90 d.C.<sup>24</sup>

O estilo, no qual é confeccionada a roupagem da figura feminina – que poderia remontar até a idade helenística –, parece de pouco posterior àquele das figurações de Nereidas já mencionadas antes, isto é, depois de 380 a.C.; as características paleográficas (especialmente o *sigma* e o *theta*) datam a inscrição a não depois da segunda metade do século III a.C., se é que a inscrição não foi incisa e oferecida muito depois da execução da estátua. Poder-se-ia então propor para o complexo uma datação média en-

tre a segunda metade do século IV e a metade do III a.C. Com relação à destinação, se pense em um *donarium* oferecido a uma divindade (feminina como o cortejo?) venerada nos arredores da cidade, trazido ou mandado esculpir por um grego/magno-grego falante do dórico (tarentino, mas talvez também pudesse ser proveniente de *Regium* ou de *Neapolis*),<sup>25</sup> e ligado a um ou mais membros da aristocracia samita de *Surrentum* por relações de amizade ou de hospitalidade.<sup>26</sup>

Não é impossível, enfim, pensar que a nossa figura e a Selene tivessem sido simplesmente trazidas como *spolia* da Magna Grécia, se não fossem – como já disse antes – pelos outros três fragmentos de equídeos ou cervídeos (recordo, confeccionados em um outro tipo de mármore branco e compacto de grãos finos) encontrados no mesmo depósito, os quais demonstrariam assim uma continuidade do mesmo tipo de culto e no mesmo lugar (onde quer que fosse localizado) em um período sucessivo.

## Bibliografia

- BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. v. II. Petrópolis: Vozes, 1988.
- BREGLIA PULCI DORIA, L. Sorrento. La documentazione letteraria. In: EAD. *Dalla Magna Grecia a Cos. Ricerche di Storia Antica*. Napoli: Luciano Editore, 1996, p. 157-187.
- F. CANCIANI, F. *Aurai*. In: LIMC. v. III, 1986.
- DE CARO, S. La città sannitica. Urbanistica e architettura. In: ZEVI, F. (a cura di). *Pompei*. Napoli: Banco di Napoli Spa., 1991, p. 23-46.
- DE CARO, S. Lo sviluppo urbanistico di Pompei. In: ATTI E MEMORIE DELLA SOCIETÀ MAGNA GRECIA, III s. 1992, p. 67-90.
- DE CARO, S. (a cura di). **Il Museo Archeologico Nazionale di Napoli**. Napoli: Electa, 1994.
- DE POLIGNAC, F. **La nascita della città greca**. Milano: Jaca Book, 1991.
- DUHOUX, Y. **Introduzione alla dialettologia Greca antica** (ed. ital. a cura di F. De Martino). Bari: Levante, 1986.
- FRASER, P. M.-MATTHEWS, E. **A Lexicon of Greek Personal Names, vol. III.A – The Peloponnese, Western Greece, Sicily and Magna Grecia**. Oxford: Clarendon, 1997.

- GUARDUCCI, M. **Epigrafia Greca. Caratteri e storia della disciplina. La scrittura greca dalle origini all'età imperiale.** v. I. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1967.
- GUARDUCCI, M. **Epigrafia Greca. Epigrafi di carattere privato.** v. III. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1975.
- GUARDUCCI, M. **L'epigrafia greca dalle origini al tardo impero.** Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1987.
- ICARD GIANOLIO, N.-SZABADOS, A. V. *Nereides.* In: **LIMC.** v. VI, 1992.
- KAJAVA, M.-MAGALHÃES, M. Un'iscrizione greca inedita di Nuceria. APOLLO. BOLLETTINO DEI MUSEI PROVINCIALI DEL SALERNITANO XX: 3-10, 2004.
- KARUSU, S. *Astra.* In: **LIMC.** v. II, 1984.
- KHALIL, L.-ICARD, N. *Artemis.* In: **LIMC.** vol. II, 1984.
- LANDI, A. **Dialetti e interazione sociale in Magna Grecia.** Napoli: Giannini, 1979.
- LEVI, A. Sorrento. Bassorilievi di marmo rinvenuti fra i ruderi di una villa romana in contrada Villazzano. In: NOTIZIE DEGLI SCAVI DI ANTICHITÀ. 1918, p. 246-252.
- LEVI, A. Bassorilievi in marmo trovati fra i ruderi di una villa romana in contrada Villazzano (Sorrento). In: MONUMENTI ANTICHI DEI LINCEI, vol. XXVI, (reprint.) Mainz 1920, p. 181-211.
- LEVI, A. Sorrento – Sculture greche in marmo. In: NOTIZIE DEGLI SCAVI DI ANTICHITÀ. 1924, p. 375-384.
- LIMC - *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*, I-VIII, Zürich-München-Düsseldorf: Artemis, 1981-1999.
- LOMBARDI, P. Le iscrizioni greche. In: E. FEDERICO-E. MIRANDA (a cura di). **Capri antica. Dalla preistoria alla fine dell'età romana.** Capri: Edizione La Conchiglia, 1998, p. 299-342.
- MAGALHÃES, M. M. Iscrizioni nuove o riedite di Nuceria: 1) La dedica e l'area sacra di Venus Stabia(na) a Nuceria. In: SENATORE, F. (a cura di). **Pompei tra Sorrento e Sarno, Atti del terzo e quarto ciclo di conferenze di geologia, storia e archeologia** (Pompei, gennaio 1999-maggio 2000). Roma: Bardi, 2001, p. 267-297.

- MAGALHÃES, M. M. **Storia, istituzioni e prosopografia di Surrentum romana. La collezione epigrafica del Museo Correale di Terranova.** Castellammare di Stabia: Longobardi Editore, 2003.
- MC PHEE, I. *Hesperides*. In: LIMC. v. V, 1990.
- MINGAZZINI, P.-PFISTER, F. **Forma Italiae. Regio I: Latium et Campania.** v. II: *Surrentum*. Firenze: Sansoni Editore, 1946.
- MINIERO, P. 'Stabiae'. Indagini, rinvenimenti e ricerche nell'Ager Stabianus. **Rivista di Studi Pompeiani I: 178-190, 1987**
- MINIERO, P.-D'AMBROSIO, A.-SODO, A.-BONIFACIO, G.-DI GIOVANNI, V.-GASPERETTI, G.-CANTILENA, R. Il santuario campano in località Privati presso Castellammare di Stabia. Osservazioni 'preliminari. **Rivista di Studi Pompeiani VIII: 11-56, 1997.**
- MONTEPAONE, C. L'alsos/lucus, forma idealtipica artemidea: il caso di Ippolito. In: ACTES DU COLLOQUE INTERNATIONAL DU CENTRE JEAN BÉRARD (Naples, 23-25 novembre 1989). *Les Bois Sacrés*. Rome: "L'Erma" di Bretschneider, 1993, p. 69-75.
- NAVARE, O. *Nymphae*. In: DAREMBERG, Ch.; SAGLIO, E. (Org.). *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*. Graz: Akademische Druck-und Verlagsanstalt, 1963.
- PARIBENI, E. *Selene*. In: **Enciclopedia dell'Arte Antica e Classica**. Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana, 1966.
- PICARD, CH. Sur le relief hellénistique de Capri (Musée de Naples), dit 'La Chevauchée Nocturne'. In: **Atti del VII Congresso Internazionale di Archeologia Classica I**. Roma 1961, p. 407-425.
- PUGLIESE CARRATELLI, G. (a cura di). **I Greci in Occidente. Catalogo della Mostra**. Venezia: Bompiani, 1996.
- RUMPF, A. Relief in villa Borghese. **Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts (Römische Abteilung)** 38-39: 446-478, 1923-1924.
- RUSSO, M. **Punta della Campanella**. Epigrafe rupestre osca e reperti vari dall'Athenaion (volume a cura di P. Zancani Montuoro), con contributi critici di M. Lejeune, A. L. Prosdocimi, G. Pugliese Carratelli, A. Stazio e P. Zancani Montuoro. Roma: Accademia Nazionale dei Lincei, 1990.
- RUSSO, M.-GUZZO, P. G.-GRECO, E.-D'AGOSTINO, B.-DE CARO, S.-

- BREGLIA PULCIDORIA, L.-POCETTI, P.-ALBORE LIVADIE, C.**  
 Il santuario di Punta della Campanella. Atti della giornata di studio in occasione della pubblicazione del volume di M. Russo et alii, Punta della Campanella, Epigrafe rupestre osca - 16 dicembre 1991. **Annali dell'Istituto Universitario Orientali di Napoli - Sezione Archeologia e Storia Antica** 145: 150-237, 1992.
- RUSO, M.** Sorrento - Edifici pubblici, case private e 'tabernae' tra l'età ellenistica e tardo-antica lungo due assi viari. In: **SENATORE, F.** (a cura di). **Pompei il Vesuvio e la Penisola Sorrentina**; Atti del secondo ciclo di conferenze di geologia, storia e archeologia (Pompei, ottobre 1997-febbraio 1998). Roma: Bardi, 1999, p. 145-231.
- SENATORE, F.** La lega nucerina. In: *Id.* (a cura di). **Pompei tra Sorrento e Sarno**; Atti del terzo e quarto ciclo di conferenze di geologia, storia e archeologia (Pompei, gennaio 1999-maggio 2000). Roma: Bardi, 2001, p. 185-265.
- STAEHLER, K.** Klassische Akrotäre. In: **PRO ARTE ANTIQUA. 'FESTSCHRIFT FÜR H. KENNER' II**, Wien, 1985, p. 326 ss.
- VE - VETTER, E.** **Handbuch des italischen Dialekte**. Heidelberg: Carl Winter, 1953.
- WEISS, C.** *Eos*. In: **LIMC**. v. III, 1986.

### Notas

<sup>1</sup> Levi (1924, p. 375): ... *assai affine al pentelico* ... ; Mingazzini-Pfister (1946, p. 171): *Forse è pentelico: certo non è pario* ... . De fato o mármore é de cor alabastro e parece realmente este último quando é atravessado pela luz; os cristais são de média grandeza (não tão 'grosseiros' como afirmaram MINGAZZINI-PFISTER, 1946, p. 171) e cintilando sob a luz rasante. Um estudo de laboratório, para conhecer com precisão de qual cava grega o material marmóreo aqui apresentado (nas Figuras 1, 3 e 4) foi extraído, será feito em um futuro próximo, junto à cátedra de Archeometria do Instituto Universitario Suor Orsola Benincasa de Nápoles.

<sup>2</sup> Em Levi (1924, p. 375), não é dada a quota de profundidade, mas a fossa na qual foi encontrado este depósito votivo foi escavada para trabalhos de reestruturação de condutos de água. Em geral, o material sorrentino de época romana escavado no centro da cidade se encontra à quota de 2,50-2,00m, sob o atual nível de pavimentação.

<sup>3</sup> Guarducci (1967, p. 371); EAD (1987, p. 81): *la datazione è più difficile per l'età successiva all'unificazione* [scil. 403-402 a.C.] *degli alfabeti locali in un solo*

ed uniforme “alfabeto greco” e ancora più difficile per le località in cui scarseggiando il materiale epigrafico, scarseggiano anche le possibilità di confronto con altri documenti.

<sup>4</sup> No entanto, as ‘apicaturas’ em todas as letras das inscrições se desenvolveram somente a partir da metade do século III a.C. em diante (GUARDUCCI, 1967, p. 372).

<sup>5</sup> A terminação em dórico - adaV equivale ao ático -adhV (ver, por exemplo, LANDI, 1979, p. 55-56). Esta característica aparece nas colônias e cidades da Magna Grécia e da Sicília de dialeto dórico severo (Tarento, Heracléia, além de Bari, Brindisi e Gallipoli – lacônico; Poseidônia, Terina, Caulônia, Crotona, Petélia, Cremisa, Sýbari, Metaponto e Agrigento – aqueu), de dórico médio ou ródio (Gela) e de dórico doce (Locri – locrense; Selinunte e Megara Iblea – megarense; Siracusa, Camerina, Acre e Casmene - coríntio), cf. DUHOUX 1986, p. 25 e 75-76. No entanto, não se pode excluir, por exemplo, a cidade de Reggio, colônia de dialeto jônico de Eubéia, onde são testemunhados *elementi esotici delle isoglosse tipiche dell’area dorica* (LANDI, 1979, p. 52) e, como se verá mais adiante, nos testemunhos onomásticos.

<sup>6</sup> Recentemente reproposto por RUSSO 1999, p. 175, fig. 19 e tav. I, n. 4.

<sup>7</sup> Note-se que nos chamados dialetos norte-ocidentais como o locrense, o etólio e o epirota, nos quais a terminação - adaV é testemunhada epigraficamente na onomástica, as isoglossas têm um caráter mais ‘eolizante’, teoricamente com o nominativo singular sem - V dos nomes masculinos em -a- longo (sobre o ponto, ver LANDI, 1979, p. 56).

<sup>8</sup> Para as outras peças pertencentes ao mesmo depósito e datáveis entre o século IV a.C. e a idade tiberiana, cf. LEVI, 1924, p. 375-384, MINGAZZINI-PFISTER, 1946, p. 171 ss. e passim; RUSSO, 1999, p. 147 e 175; MAGALHÃES, 2003, p. 23-25 e passim.

<sup>9</sup> PICARD, 1961, p. 417-418, pl. 4, figs. 9-10: ... *un travail grec ... de bonne date ...*, isto é, segundo ele datável à segunda metade do século IV. a.C.

<sup>10</sup> Cf. BREGLIA PULCI DORIA, 1996, p. 175-177, que reporta a STAEHLER, 1985, p. 326 ss.; ambos citados por RUSSO 1999, p. 175.

<sup>11</sup> Ver KAHIL-ICARD, 1984, s.v. Ártemis, principalmente as fichas n. 396, 397 e 402. São raras as exceções nas quais a deusa aparece sobre cervo (mas sempre com os seus atributos) nos n. 686, 687 e 689, por exemplo.

<sup>12</sup> Sobre isso reenvio a ICARD GIANOLIO-SZABADOS, 1992, s.v. Nereidas e principalmente as fichas n. 42 a, b, c; 45, 106, 357, 358, 396, 399 e 483. Observem-se especialmente os acrotérios nos n. 42a e 42b atribuídos a Timóteo e datáveis do início do século IV a.C.

<sup>13</sup> CANCIANI, 1986, s.v. Aurai, e em particular as fichas n. 16a e 16b, datadas ao 380-370 a.C.

<sup>14</sup> Anepígrafe, agora no Museo Correale di Terranova, sala 3, inv. n. 009. Encontrada junto à nossa e publicada por LEVI, 1924, p. 376-377, tav. XIX; já MINGAZZINI-PFISTER 1946, p. 172-173, tav. XXX, 88-89 interpretaram como a figuração de uma Selene sobre égua ou mula. Tanto é verdade que mesmo neste período se afirma sempre mais a figuração de Selene cavalcando um cavalo ou uma mula sobre terreno rochoso; além disso, na idade clássica tardia e no helenismo é quase normal a fusão de Selene com outras divindades, em particular com Ártemis, e com a qual (também como caçadora e noturna) divide o símbolo do crescente lunar; a diferença é que Selene tende mais a desnudar-se, com o véu em arco sobre a cabeça e com variações nos drapeados que às vezes deixam descobertos os seios ou o inteiro dorso, avizinhandose à figura de Afrodite (PARIBENI, 1966, s.v. Selene). Sobre a interpretação de uma Selene, concorda também PICARD, 1961 (p. 418 e passim), sempre baseado no tema da cavalgada noturna sobre asnos e mulas e na 'pousa' da figura 'à Amazona'.

<sup>15</sup> Cuja iconografia é, sem exceção, aquela de uma figura feminina alada sobre uma quadriga, segundo WEISS, 1986, s.v. Eos. Pelos mesmos motivos, é excluída também a hipótese de uma Noite, também esta alada e com mantilha esvoaçante, sobre biga conduzida por cavalos alados (KARUSU, 1984, s.v. Astra).

<sup>16</sup> Já observado por BREGLIA PULCI DORIA, 1996, p. 176. Além disso, confrontando-se as medidas das estátuas, a parte central de um tímpano deveria ser alta pelo menos 1,50m, e o templo deveria medir proporcionalmente um terço do Parthenon.

<sup>17</sup> Assim como Hélio, Fósforo e todas as divindades que participam desta cosmologia (ver PARIBENI, 1966, s.v. Selene e WEISS, 1986, s.v. Eos).

<sup>18</sup> Recorde-se que em uma pintura parietal de idade romana da chamada Casa do Poeta Tragico em Pompéia (VI, 8, 5) o dito Sacrificio de Ifigênia (talvez derivada de uma obra de Timante - séculos V/IV a.C.), Ártemis e uma Ninfa – levando a cerva que deverá substituir, no último momento, Ifigênia no sacrificio – são figuradas ambas com mantilhas esvoaçantes em forma de semicírculo como as Aurai e Selene, e são ambas figuras secundárias em relação à cena que se desenvolve em primeiro plano (DE CARO, 1994, p. 183).

<sup>19</sup> Se pertencem ao mesmo grupo, pelo menos três partes anteriores de equídeos/cervídeos (agora em exposição na sala 3 do Museo Correale, inv. n. 009bis), mas a qualidade do mármore empregado é diferente, branco e de grãos finos e compactos.

<sup>20</sup> São a personificação das forças naturais que presidem o crescimento e a fecundidade, seja no reino animal ou vegetal, como também os produtos da terra, aos quais emprestam o calor e umidade apropriados, fazendo-os crescer e frutificar. São então intimamente relacionadas com as outras divindades que presidem também a vegetação e a fecundidade, e com as quais comparecem na maior parte dos contextos: Ártemis, Cíbele, Deméter, Dioniso (junto com Pã, Sátiros e Silenos), Apolo e Hermes.

No caso específico de Ártemis, poder-se-ia citar as Náiades (ou Oreádes) que a acompanham nos jogos e na caça e as Dríades e Hamadríades, aquelas que habitam nos bosques arbóreos e vivem particularmente dentro do carvalho (sobre o ponto, ver NAVARRE, 1963, s.v. Ninfas). Sempre ligada à árvore, na Arcádia se encontra ainda uma Ártemis com o epíteto de Kedreatis, ou seja, 'senhora do cedro', enquanto nos confins entre a Lacônia e a mesma Arcádia, em Karias, uma Artemis Karyatis, ligada à nogueira (cf. BRANDÃO, 1988, p. 68). Excluo ainda a possibilidade de que seja uma das Hespérides (MC PHEE, 1990, s.v. Hespérides).

<sup>21</sup> Cf. PICARD, 1961, p. 414, nota 28, 416-417 e passim: o estudioso quer ainda fazer notar que essa iconografia não é exclusivamente dionisíaca, mas também 'artemisia', porque os cultos de Dioniso e de Ártemis-Hécate (os 'divinos caçadores') eram freqüentemente associados, seja no Lácio ou na Campânia, e com tantos elementos em comum, como, por exemplo, as 'divinas cavalgadas'. Confirma a hipótese de Picard o descobrimento (na chamada Villa del Capo di Massa, em Massa Lubrense, sempre na Península Sorrentina) de um relevo de época flávia (mas de 'gosto helenístico') representando um sacrifício campestre a Diana: a deusa está sentada sobre uma rocha em frente a qual arde um pequeno altar aceso; no fundo, estão quatro árvores, uma de pinho, duas de romã e um carvalho; os três jovens sacrificantes à esquerda são dois ofertantes e um sacerdote, enquanto os dois seguidores da deusa à direita são caçadores. Junto com este relevo, foram encontrados outros três, dos quais aquele que mais combina ideologicamente (e saído da mesma parede) representa justamente um triunfo de Baco, deitado, com Sátiro, Sileno sobre mula, etc. Os outros dois relevos 'gêmeos' representam Hércules diante de uma imagem sagrada (de Diana ou de Cibele) e um santuário cibélico. Como todos foram encontrados no mesmo ambiente (di uma grande sala), torna-se claro que pelo menos em idade romana a dupla Diana-Bacco pertence a uma mesma esfera cultural (cf. LEVI, 1918, p. 246-252; EAD, 1920, p. 181-211, figs. 1-11, tav. 1-5; MINGAZZINI-PFISTER, 1946, p. 134-142 (para a villa) e p. 194-198, tav. XXXIX, 140-142 e 146-147 (para os relevos). Os relevos são atualmente conservados no Museo G. Vallet a Villa Fondi, em Piano di Sorrento.

<sup>22</sup> Apesar de não termos ainda encontrado em Surrentum evidências materiais do culto apolíneo, não seria descartada a hipótese de que o grupo fizesse parte de um ciclo deste tipo. Se considerarmos o grupo Selene-Eos, temos por um lado a representação das duas irmãs de Hélio (Fobo, depois identificado com Apolo) dentro da Teogonia de Hesíodo; por outro lado, se fosse aceita a hipótese Selene-Ártemis, mais uma vez estaríamos diante da irmã (gêmea) de Apolo, ambos nascidos da união de Zeus-Leto na geração sucessiva.

<sup>23</sup> Ártemis/Diana habita espaços não urbanos ou de qualquer maneira periféricos em relação a um centro habitado. O seu espaço cultural próprio é o *alsos* ou o *lucus*,



espaços já delimitados por ‘fronteiras naturais’ como lagos, montes, selvas, pântanos, e goza de uma ‘natural’ defesa do território. Em geral, mantêm distância ainda da estrutura chamada *kepos/hortus*, típica do culto de Afrodite (MONTEPAONE, 1993, p. 70; sobre as características do culto de Ártemis e a localização dos seus santuários suburbanos, extra-urbanos e confinantes de maneira geral, ver também DE POLIGNAC, 1991, p. 55-56, 70-71 e para a Magna Grécia, p. 97-99). Além disso, no que diz respeito às outras quatro cidades que junto com Surrentum fariam parte da chamada ‘liga nocerina’ no século IV a.C., as divindades que tinham um culto nos centros habitados eram Apolo, Atena e talvez Hércules (em Pompéia), talvez Atena e talvez Afrodite (em Nucéria), Hércules, talvez Afrodite e talvez Atena (em Herculano). Nas zonas suburbanas, periféricas ou de confin: Dioniso e Afrodite, Hécate/Deméter, Zeus Meilichios e Posídon (em Pompéia); o deus fluvial Sarno, talvez Hera, talvez Afrodite e uma outra divindade feminina de tipo ‘salutar’ (em Nucéria); uma outra divindade salutar e Atena (em Stabiae) e enfim em Surrentum mesmo, ainda Atena e as Sereias [cf., por exemplo, DE CARO, 1991, p. 25, 29-33, 36, 39, 41-43 (para Pompéia); Id. 1992, p. 81-87; MAGALHÃES, 2001, p. 267-280 e KAJAVA-MAGALHÃES, 2004, p. 3-10 (para Nucéria); MINIERO, 1987, p. 178-190; EAD et alii 1997, p. 11-56 (para Stabiae); RUSSO et alii, 1990 e RUSSO et alii, 1992 (para Surrentum); VE 107 (para Herculano)]. Sobre a hipótese de que as cinco cidades da chamada ‘liga nocerina’ tivessem em comum os cultos do deus Sarno, de Atena/Minerva e de Afrodite/Vênus, ver SENATORE, 2001, p. 237-238.

<sup>24</sup> MINGAZZINI-PFISTER, 1946, p. 18 e 61; sobre o triplo aspecto da deusa, chamada justamente Trivia – Ártemis/Selene/Hécate – ver, BRANDÃO 1988, p. 64-81.

<sup>25</sup> Do mesmo depósito onde foram encontradas as estátuas provém um tijolo (*instrumentum publicum*) com a marca de fábrica @Rhgivwnv (‘dos Reginos’, habitantes de Regium), agora no Museo Correale di Terranova, sala 3, inv. n. 008/146 (MAGALHÃES, ficha n. 2). Também algumas inscrições em dialeto dórico não faltam em Neapolis (BREGLIA PULCI DORIA, 1996, p. 176). Observe-se, enfim, que os dons votivos oferecidos por privados são em geral mais modestos, enquanto as dedicatórias de edifícios, altares e estátuas acontecem menos freqüentemente, dado que exigem meios financeiros consideráveis (GUARDUCCI, 1975, p. 3-4; EAD 1987, p. 257).

<sup>26</sup> Assim também pensa BREGLIA PULCI DORIA, 1996, p. 177.